



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
NÚCLEO DE ENSINO SUPERIOR DE MANACAPURU
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA**

CLARINDO MOREIRA DE SOUZA FILHO

**UMA TRANSFORMAÇÃO ANTROPOGÊNICA: CARACTERIZANDO O
SÍTIO ARQUEOLÓGICO RESERVA DUQUE I MANAUS – AM**

**MANACAPURU-AM
2017**



CLARINDO MOREIRA DE SOUZA FILHO

**UMA TRANSFORMAÇÃO ANTROPOGÊNICA: CARACTERIZANDO O
SÍTIO ARQUEOLÓGICO RESERVA DUQUE I MANAUS – AM**
Trabalho de Conclusão de Curso

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito final para a conclusão do curso de bacharelado em Arqueologia da Universidade do Estado do Amazonas.

Orientadora: Prof^a. MSc. Antonia Damasceno Barbosa

MANACAPURU-AM
2017

CLARINDO MOREIRA DE SOUZA FILHO

**UMA TRANSFORMAÇÃO ANTROPOGÊNICA: CARACTERIZANDO
O SÍTIO ARQUEOLÓGICO RESERVA DUQUE I MANAUS – AM**

Manacapuru, 10 de outubro de 2017.

Banca examinadora:

MSc. Tallyta Suenny Araújo da Silva - Examinadora Externa
Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. Rhuan Carlos dos Santos Lopes – Examinador Interno
Universidade do Estado do Amazonas - UEA

Antonia Damasceno Barbosa – Orientadora e Presidente da banca
Universidade do Estado do Amazonas - UEA

À minha esposa, Thalia Oliveira do Nascimento
Aos meus filhos, Isabella Santos Souza, Yan Gabriel Moreira do Nascimento
À minha mãe, Maria Arruda de Souza
Ao meu pai, Clarindo Moreira de Souza
À minha irmã, Raimunda Arruda de Souza
À amiga de todas as horas que a tenho por mãe de criação, Terezinha Furtado.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente à Deus, pelo dom gratuito da vida. À minha esposa e amigos, que me apoiaram e sempre me deram forças para continuarmos seguindo sempre a frente.

Aos colegas de pesquisa e aos servidores da instituição que ao longo desse curso sempre despuseram a nossa disposição.

À minha orientadora, Prof^a. MSc. Antonia Damasceno Barbosa, que nos deu suporte para à elaboração deste referido Trabalho de Conclusão de Curso - TCC.

À Universidade do Estado do Amazonas e todo o seu corpo docente, a direção e a administração, a Coordenadora do nosso curso, Prof^a. Dra. Lúcia Puga Ferreira que não mediu esforços para o bom andamento de nossa formação acadêmica, e pelas inúmeras vezes ter me apoiado quando precisei.

Aos meus docentes, Prof^o. MSc. Milke Cabral Alho, que esteve comigo sempre ao meu lado me apoiando e incentivando, e ao Prof^o. MSc. Neemias Rosa que me ajudou na revisão deste referido trabalho, me dando suporte sempre que precisei.

E a todos aqueles que direta ou indiretamente me ajudaram, o meu muito obrigado.

UMA TRANSFORMAÇÃO ANTROPOGÊNICA: CARACTERIZANDO O SÍTIO ARQUEOLÓGICO RESERVA DUQUE I MANAUS – AM

CLARINDO MOREIRA DE SOUZA FILHO

RESUMO

A região Amazônica possui uma imensa extensão territorial, composta de terra, floresta e água, tornando-se um habitat perfeito para o desenvolvimento humano, desta forma tendo um papel crucial para o povoamento desta referida região. Ao longo da Região Amazônica verificamos a construção de uma paisagem modificada por ação antrópica, com a presença de tipos florísticos domesticados e solos que sofreram ao longo da antropização algumas transformações desde a sua coloração à sua composição química. A compreensão do papel que os processos de formação desempenham na constituição de um sítio arqueológico é fundamental para uma interpretação mais precisa de dados nele coletados. Para entender melhor o processo de ocupação antrópica e sua expansão é necessário que sejam feitas pesquisas nessas áreas, desta forma coletando e/ou alicerçando informações desta referida região. Nosso objeto de pesquisa está localizado em uma área de interflúvio entre Rio Negro e Rio Solimões situado na Zona Leste de Manaus e realizar a caracterização da região é de suma importância, pois desta forma entenderemos melhor sua formação e a transformação que o referido sofreu no decorrer dos anos, transformação está oriunda do processo de ocupação humana. Esta pesquisa nasce dentro de uma discussão se existe ou não sítio arqueológico impactado, ou até que ponto um sítio perturbado se difere de um intacto, e que tipo de informações podemos extrair através do diálogo com o mesmo. Com este referido trabalho pretendemos responder tais indagações e preencher possíveis lacunas a respeito da pesquisa arqueológicas em sítios de terra preta em área urbana. Bem sabemos que a cada dia a pesquisa arqueológica vem crescendo na região Amazônica e nós como pesquisadores pretendemos contribuir com a comunidade científica com dados e informações a respeito desta temática que fascina arqueólogos de diversas parte do Brasil e do Mundo.

PALAVRA – CHAVE: Sítio Arqueológico, Sítio Perturbado, Sítio Destruído, Caracterização, Vestígios Arqueológicos.

ABSTRACT

The Amazon region has an very large territory, composed of lands, forests and rivers, it is a perfect habitat for human development, thus it has a crucial role for the region settlement. Throughout the Amazon Region we see a landscape modified by anthropic actions, as reclaimed floristic types and soils that have been changed along the anthropization, some of those transformations from colour to chemical compositions. To understand the role of that shaping process play in the archaeological composing in a site, it is crucial for a more accurate interpretation of the data collected in it. To better understand the process of anthropic occupation and its expansion, it is necessary to conduct researches in these areas, thus collecting and / or consolidating information of this region. Our research object is located in an area of interflow between the rivers “Negro” and “Solimões” located in the East Zone of Manaus, to characterizing it, is really important because in that way we will better understand its formation and the transformation that it has occured during the course of years, transformation that comes from the human occupation process. This research is comes within a discussion of whether or not there is an archaeological site, impacted or not, and how a disturbed site differs from an intact one, and what kind of information we can get by comparing those. With this work we intend to answer such questions and fill in possible gaps regarding archaeological research in black earth sites in urban areas. We know that every day archeological research is growing in the Amazon region and we as researchers intend to contribute with the scientific community with data and information on this subject that fascinates archaeologists from many parts of Brazil and the World.

KEYWORD : Archaeological Site, Disturbed Site, destroyed Site, Characterization, archaeological vestiges.

SUMÁRIO

Capítulo I

1. INTRODUÇÃO	10
2. PROBLEMA DA PESQUISA.....	13
3. O QUE DEFINE UM SÍTIO ARQUEOLÓGICO?.....	14
4. ENTENDENDO MELHOR UM SÍTIO ARQUEOLÓGICO	20
5. SÍTIO DESTRUÍDO OU PERTUBADO?	22
Capítulo II	27
6. UM ESTUDO DE CASO: ATIVIDADES REALIZADAS NO SÍTIO RESERVA DUQUE I	27
7. RESULTADOS ALCANÇADOS DURANTE A PESQUISA	37
8. CONCLUSÃO	46
9. REFERÊNCIAS.....	48

FIGURAS

Figura 01.....	10
Figura 02.....	17
Figura 03.....	18
Figura 04.....	18
Figura 05.....	19
Figura 06.....	27
Figura 07.....	28
Figura 08.....	29
Figura 09.....	29
Figura 10.....	30
Figura 11.....	30
Figura 12.....	31
Figura 13.....	32
Figura 14.....	32
Figura 15.....	33
Figura 16.....	33
Figura 17.....	34
Figura 18.....	36
Figura 19.....	38
Figura 20.....	38
Figura 21.....	40
Figura 22.....	41
Figura 23.....	41
Figura 24.....	41
Figura 25.....	42
Figura 26.....	42
Figura 27.....	44

Capítulo I

1. INTRODUÇÃO

Inúmeros são os questionamentos que surgem quando falamos em sociedades pretéritas, como era composta sua organização política, social, econômica e outras? E para procurar responder tais indagações pesquisadores dedicam suas vidas debruçando-se no universo do campo científico.

Na região da Amazônia brasileira as pesquisas arqueológicas iniciaram no final do século XIX, e no século XX com o a criação do PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas) as pesquisas foram intensificadas, durante a pesquisa os arqueólogos encontraram evidências de ocupações ceramistas. As pesquisas não pararam por aí, com a implantação do Programa Amazônia Central coordenado pelo arqueólogo Eduardo Góes Neves diversos sítios Arqueológicos foram catalogados.

Na Amazônia Central as pesquisas têm diagnosticado diversos vestígios do modo de vida dessas comunidades que por sinal estão distribuídas nas margens do Rio Amazonas e seus interflúvios, nessas áreas encontramos uma verdadeira assinatura do processo antropogênico que compõem a estrutura de um sítio Arqueológico tais como: as paisagens, os artefatos líticos, vestígios cerâmicos e modificação da estrutura do solo.

Nestes lugares encontramos vestígios da vida e da cultura material dos povos do passado. Estes vestígios podem estar sobre a superfície do solo ou depositado no subsolo em áreas onde passaram por processo ocupacional antrópica e podemos encontrar vestígios osteológico, restos de alimentos e utensílios utilizados por grupos humanos que ali viveram.

Esses lugares que conhecemos por sítios arqueológicos são diferentes segundo o uso que cada sociedade pretérita daria. Cada local corresponde a uma função, mas há casos, onde vários tipos de atividades foram praticadas. Todas essas atividades produzem vestígios que caem ao solo e que vão sendo, aos poucos, cobertos por sedimentos. E essas transformações tornam-se assinaturas desses povos, trazendo a luz da arqueologia seu modo de vida.

De acordo com MACHADO (2006) o cenário de baixa densidade demográfica e formas de organização social baseadas em estruturas de idade e gênero, característicos das populações indígenas encontradas atualmente na região amazônica, no decorrer do tempo, impulsionaram alguns pesquisadores a se preocupar em entender a origem da configuração histórica, os primeiros viajantes europeus que penetraram a região depararam-se com populações humanas cuja organização social era até então desconhecida. A necessidade de compreensão desse mundo levou a inúmeras analogias com civilizações antigas já familiares, desta forma procurou-se compreender a origem dessa diversidade, a partir deste ponto surgiram às primeiras hipóteses a respeito do passado dessas populações pré-coloniais.

Para entendermos tais sociedades pré-coloniais dispomos de ferramentas de pesquisa baseada na leitura da cultura material por eles deixados, são vestígios de uma sociedade que vem habitando a nossa região bem antes da chegada dos colonos, limitados a uma visão eurocêntrica, classificaram tais populações como subdesenvolvidas e desprovida de racionalidade, talvez essa venha ser uma das razões ao qual encontramos poucos escritos ou quase nada se encontra a respeito dessas sociedades, outro fator podemos citar a ausência de uma escrita por parte destes povos que habitavam a região.

Portanto cabe ao pesquisador tentar compreender tais comunidades através do diálogo com os vestígios materiais por eles deixados, essas áreas denominadas de Sítio Arqueológico carregam em si uma série de dados antropogênico, que variam desde materiais de fabricação antrópica à modificação da paisagem e do solo, com isso alterando o ambiente por esses povos ocupados, desta forma deixando a sua assinatura populacional.

O objeto desta pesquisa está localizado na zona leste de Manaus, trata-se do Sítio Arqueológico Reserva Duque I, no qual tivemos a oportunidade de participar da etapa de salvamento arqueológico do sítio¹. Apesar das constantes

¹ “Programa de Resgate Arqueológico, Monitoramento Arqueológico e Educação Patrimonial, na Obra de Implantação de Pavimentação e Drenagem de Via Urbana de Interligação entre a Reserva Ducke e a Rotatória da Suframa (Bola Da Suframa), Localizado em Manaus, Amazonas”, coordenado pela arqueóloga MSc. Ivone

transformações que este referido sítio vem sofrendo no decorrer dos anos, muitas informações podem está contido no mesmo, ao dialogar com o sítio arqueológico podemos encontrar as marcas das ações antrópicas, alguma pista do passado que juntando cada peça desse quebra-cabeça arqueológico podemos então aflorar a identidade de tal sociedade, através do diálogo com os achados é possível contar ou recontar a história das sociedades pretéritas, para isso é necessário que venhamos nos debruçar em meio às informações contidas neste espaço.

O sítio Reserva Duque I está localizado em uma área urbana e sufocado pelo constante crescimento da cidade de Manaus, a sua formação paisagística passou por mudanças de acordo com o processo ocupacional da zona Leste da cidade de Manaus. A área do sítio está bastante modificada pela ação humana no decorrer do processo ocupacional, porém o diálogo ainda é possível e está repleto de informações.

Com isso a necessidade de realizarmos uma pesquisa no local com o intuito de o entendermos melhor.

Esta pesquisa nasceu dentro de uma discussão com nossa orientadora após estágio na etapa de salvamento do sítio, pois durante a etapa de campo inúmeros foram os questionamentos que fizemos sobre a área.

Trata-se de um estudo de caso, que após análise das informações coletadas poderemos entender melhor o sítio pesquisado e com isso as comunidades que o habitaram. Assim, este trabalho tem por objetivo realizar uma análise do Sítio Reserva Duque I verificando até que ponto o mesmo sofreu influência da sociedade atual e qual sua tipologia, além de analisar a cultura material resgatada no Sítio arqueológico.

Desta forma, ao analisarmos sua área podemos observar se o sítio sofreu a influência direta dos povos pretéritos e atuais, até que ponto o atual processo de antropização influenciou na modificação do Sítio Reserva Duque I.

Este trabalho está estruturado da seguinte forma: Capítulo 1, abordamos a definição de sítio arqueológico, como e de que ele é composto e suas características, assim como definir o que são vestígios arqueológicos e qual a sua importância para a pesquisa das sociedades pretéritas; procuramos ainda neste capítulo inferir uma discussão a respeito sítios perturbados e destruídos até que ponto a utilização do termo sítio destruído elitiza uns sítios (considerados importantes) e discrimina outros (considerados menos importante); Capítulo 2, abordamos o estudo de caso do sítio reserva Duque as atividades realizadas nele no ano de 2017 do projeto de resgate deste referido sítio arqueológico, abordamos ainda os resultados alcançados que obtivemos durante a pesquisa e a conclusão que chegamos após análise dos e dos resultados e nosso marco teórico.

2. PROBLEMA DA PESQUISA

Há tempos que se vem discutindo o potencial ecológico da Amazônia e seus problemas decorrentes de uma fraca iniciativa de preservação. A destruição de seus recursos naturais causa preocupação já que não se percebem políticas ou iniciativas de amplitude na contenção dessa destruição.

Para SANTOS (2016) atualmente, o contexto político e ecológico da Amazônia são complexos: o desmatamento aumenta a níveis nunca vistos, os conflitos pela posse dos recursos naturais são cada vez maiores e cidades como Manaus e Belém crescem a um ritmo vertiginoso, com as típicas consequências da urbanização descontrolada.

Todos esses problemas mostram que o Estado Brasileiro não sabe direito o que fazer com a Amazônia. Segundo NEVES (2006) a necessidade de ações é premente e de suma importância para que possamos fazer uma leitura mais detalhada do processo ocupacional da região amazônica.

O primeiro arqueólogo a mencionar as evidências dos vestígios arqueológicos na região de Manaus foi Peter Paul Hilbert que nos anos 1950 identificou um estilo cerâmico nomeado fase Paredão. HILBERT (1968) Apud

MORAES (2015) organizou os vestígios encontrados na Amazônia Central em fase Manacapuru, fase Paredão, fase Guarita e fase Itacoatiara.

LIMA (2008) dividiu a fase Manacapuru em duas, nomeando o período mais antigo de fase Açutuba, porém outros pesquisadores também realizaram suas pesquisas na região Amazônica com a intenção de entender os sítios arqueológicos da região desta forma descrevendo o modo de vida de comunidades pré-coloniais, entre eles destacamos NEVES (1999-2000) que através das análises realizadas com a pesquisas nos sítios pré-coloniais na região da Amazônia Central com o Projeto do PAC e traz uma nova abordagem para esse conceito.

“O conceito de cultura de floresta tropical que na verdade foi uma categoria tipológica desenvolvida para descrever os padrões de organização econômica, social e política das populações indígenas da Amazônia e das florestas tropicais do leste da América do Sul.” (NEVES, 1999-2000, p.88).

Nosso objetivo é apresentar como estudo de caso um sítio arqueológico que, para os padrões vigentes, poderia ser considerado "destruído". Assim, se nos desprendermos do senso comum e dialogarmos com os dados que o sítio oferece, sem criar sub-grupos de sítios e sem dar mais importâncias a uns sítios e outros não, nossa abordagem é sistêmica e focada em procurar desmitificar essa ideia de elitização de sítios arqueológicos.

3. O QUE DEFINE UM SÍTIO ARQUEOLÓGICO?

Antes do território brasileiro ser “invadido” pelas civilizações europeias, os habitantes que aqui viviam, estavam organizados socialmente seguindo suas normas sociais que por sinal eram bem diferentes daquelas com as quais os europeus estavam habituados.

Dessa forma, foram tachados de “selvagens”, “índios”, “chucros” e em muitos casos denominados de seres sem alma e considerados seres inumanos (SILVA 2015). Esta visão eurocêntrica construiu uma identidade de um povo “não desenvolvido”, “sem cultura”, limitado a mercê do acaso da própria sorte sobrevivendo em meio a uma grande “floresta tropical”, um “inferno verde” que não possibilitara aos habitantes o “desenvolvimento” segundo a sua visão fundamentalista e etnocêntrica.

“Aos poucos se vem corrigindo uma série de ideias errôneas, infelizmente enraizadas na cabeça de muita gente – e às vezes ainda ensinadas nas escolas. Uma delas é que os primeiros ocupantes do território que hoje chamamos Brasil, como qualquer homem pré-histórico, teriam vivido num mundo frio e povoado por mamutes ou dinossauros. Refugiando-se dentro de cavernas (mas também nômades, sem domicílio fixo), dispõem essencialmente da pedra para fabricar seus instrumentos e passariam muita fome. Seriam primitivos que ainda não imaginavam uma sociedade racionalmente organizada como a nossa. Esta é, obviamente, uma fantasia oriunda das pesquisas realizadas na Europa no século XIX, dentro de uma perspectiva evolucionista.” (PROUS, 2011, p.90)

Segundo PROUS (1992) podemos considerar vestígio arqueológico todos os indícios de presença ou atividade antrópica, registrando assim as marcas de civilizações que habitaram o local onde são encontrados os vestígios e essa digital cultural nos traz informações preciosas a respeito daqueles que modificaram a natureza a sua volta.

“...Consideramos vestígios arqueológicos todos os indícios da presença ou atividade humana em determinado local. Para se inserir tais vestígios no contexto ecológico (clima, vegetação, fauna, proximidade da água), e preciso preocupar-se também com os restos indiretamente ligados ao homem, mas que revelam em que condições ele estava vivendo... Os vestígios de um sítio não aparecem isoladamente, mas em conjunto cujo sentido procuramos desvendar. Assim, uma estrutura arqueológica e um conjunto significativo de vestígio... O estado atual dos sítios arqueológicos e o resultado de processos frequentemente complexos, que atuam desde os tempos imediatamente anteriores a primeira presença humana no local. Esses processos condicionam características estruturais que o arqueólogo deve reconhecer e interpretar.” (PROUS, 1992, p.27-28).



Figura 1 - Equipe evidenciado uma vasilha aos 20 cm de profundidade da unidade E12, Sítio Arqueológico Reserva Ducke I. Foto: Banco de dados da Laghi Engenharia, 2017.

Entendemos Sítio Arqueológico como um lugar onde podemos encontrar vestígios da cultura material dos povos do passado, é um local no qual os homens que viveram antes do início de nossa civilização deixaram algum vestígio de suas atividades: uma ferramenta de pedra lascada, uma fogueira na qual assaram sua comida, uma pintura, uma sepultura, a simples marca de seus passos. O local onde essas pistas são encontradas é importante para que se possa compreender ou deduzir como eram usadas isto se chama o contexto dos artefatos, ecofatos, ou estruturas.

Alguns vestígios juntos, em um mesmo contexto, podem ser associadas pelo arqueólogo, para descobrir, como um detetive, informações sobre o que aconteceu naquele lugar, naquele momento da história.

Os sítios arqueológicos possuem características que os diferem, e essas diferenças são de acordo o uso que os homens pré-históricos fizeram do local. Cada local pode corresponder a uma função, em um único sítio de aldeamento, onde vários tipos de atividades foram praticadas, podemos identificar no mesmo sítio lugares para cozinhar, para descansar, confeccionar utensílios de caça, doméstico e de cunho religioso. Todos esses trabalhos produzem vestígios que mais tarde torna-se uma assinatura cultural desses povos.

“Os sítios arqueológicos não são entidades isoladas, mas elementos dentro da ocupação de um território por uma população. Alguns deles refletem ocupações sazonais, enquanto outros correspondem a habitações de longa duração. Alguns mostram apenas atividades precisas e limitadas (cemitérios, locais de extração de matéria-prima, ateliês de fabricação de instrumentos, locais de preservação de alimentos etc.), enquanto outros guardam vestígios de atividades diversificadas. Uns evidenciam a exploração de zonas baixas (por exemplo, para agricultura ou pesca), enquanto outros correspondem a um uso casual (tal como caça, coleta de determinadas plantas ou realização de rituais). Cada sítio deve ser abordado de uma maneira específica, e nenhum deles apresenta uma visão completa da ocupação do território.” (PROUS, 2011, p. 10)

Assim sendo os vestígios mais antigos são os que estão distribuídos na parte mais profunda da camada estratigráfica do solo, pois à medida que avança o tempo, novos vestígios vão sendo depositados no solo, novas camadas de sedimentos se formam e o sítio vai apresentando uma maior espessura de camadas arqueológicas. Em geral os sítios apresentam-se em concentrações espaciais pois

correspondem a um povo, a uma cultura, a qual explorava um determinado território, nele deixando as suas marcas.

“Os sítios arqueológicos, como o nome já indica, estão cheios de registros (fósseis, desenhos rupestres ou objetos) de povos ou animais que viveram em um passado distante. Sua preservação, portanto, é crucial para que possamos entender como viviam estes povos ou criaturas e assim, através desse conhecimento, podemos entender melhor como vivemos hoje, trata-se de preservar um passado congelado no tempo. Em primeiro lugar, é claro que há e sempre houve grande diversificação dos grupos indígenas no vasto território brasileiro. Em consequência disso, houve também diferenças de atitudes com relação à natureza. Manejo intenso da floresta amazônica (que perdeu sua virgindade há muitos milênios por obra dos seus “primitivos” habitantes), queima de matas por grupos que preferem o cerrado; guerras para raptar mulheres e crianças, ou para capturar inimigos a serem sacrificados ou incorporados à tribo; conquista de territórios – todos esses fenômenos ocorreram, mesmo que de uma forma original em relação à história europeia, o que não significa que não tenhamos nada a aprender com os indígenas. De fato, tanto o primeiro mito (evolucionista) quanto o segundo (“anárquico-ecológico”) falam de nós mesmos, mas nada ensinam absolutamente sobre as populações indígenas, sejam elas atuais ou passadas. Apenas expressam nossas construções mentais e revelam os nossos fantasmas. Mesmo que os arqueólogos não possam deixar de ser filhos do seu tempo e reproduzir seus preconceitos, eles têm o dever de tentar superá-los, procurando sempre as diversas explicações possíveis – algumas delas ainda não pensadas – para os vestígios que encontram. Humildade diante da realidade material que descobre, consciência da limitação do registro arqueológico e da insuficiência dos modelos propostos por nossa própria sociedade, estas são as primeiras qualidades que o arqueólogo deve desenvolver.” (PROUS, 2011, p. 91)



Figura 2 - Sítio Reserva Duque I. Foto: Clarindo Moreira



Figura 3 - Fragmentos cerâmicos encontrados no Sítio Arqueológico Reserva Ducke I. Foto: Banco de dados da Laghi Engenharia, 2017.

Não apenas a preservação de um sítio como um todo é importante, mas também a correta manipulação desse sítio deve ser feita, de modo que ao explorá-lo, não seja completamente deteriorado seu conteúdo, assim, ao surgir técnicas novas de análise possamos ainda ter seu conteúdo ou parte dele preservado para que esta nova técnica seja analisada, a preservação dos sítios, por si só é muito importante, quanto menos pudermos alterar as características originais de um sítio através de análises não invasivas melhor.



Figura 4 - Sítio Reserva Ducke I. Foto: Raelly Cardoso



Figura 5 - Demarcação da unidade e retirada de vestígio de cultura material cerâmico no Sítio Arqueológico Reserva Duque I. Foto: Banco de dados da Laghi Engenharia, 2017.

Assim, os locais que contêm esses vestígios arqueológicos, mesmo já tendo sido pesquisados e catalogados ainda contêm diversas informações sobre o passado da humanidade e conhecer esse passado pode explicar o que estamos fazendo em nosso presente.

Os vestígios podem ser marcas de ocorrências de habitação, de sua alimentação, seus instrumentos de trabalho e outros. Através do estudo desses objetos, os arqueólogos formulam algumas hipóteses sobre o modo de vida dos homens pré-históricos. Não é um trabalho fácil, uma vez que esses povos não deixaram nenhum documento escrito, pois ainda não conheciam a escrita. O sítio arqueológico é um lugar bem delimitado, onde foram realizadas atividades humanas.

A nossa finalidade como pesquisadores é de entender as mudanças ocorridas na vida do ser humano, desde suas origens. Com isso utilizamos métodos de investigação do passado para reconstituir as fases históricas.

4. ENTENDENDO MELHOR UM SÍTIO ARQUEOLÓGICO

SANTOS (2016) afirma que a cultura material das sociedades pré-coloniais e da época do contato, e suas impressões no ecossistema da floresta faz parte da herança deixada por eles a nós. Essa herança foi desenvolvida através de inúmeras gerações e é ela que nos deixa pistas em relação ao comportamento e aos padrões aceitos numa época em que só alcançamos através de seus vieses.

“Nesse sentido, realizar viagem na Amazônia é perceber que o homem se convencionou a denominar de beiradino pelo fato de as residências estarem geralmente à beira dos rios e por tudo estar associado a estes, nos quais acontecem as transformações nos sistemas de relações sociais e também há as despedidas daqueles que partem para a vida eterna.” (SILVA, 2014, p.13 Apud SANTOS, 2016, p.237).

De acordo com NEVES (1999) a pesquisa Arqueológica na região Amazônica tem sido bastante debatida em eventos realizados com a temática Arqueologia, e esta referida região a mais de meio século tem sido alvo de pesquisas arqueológicas e etnográficas com isso a arqueologia foi mais bem sucedida no que tange estabelecimento de problemas e pesquisa, ainda segundo o referido autor tal fato dar-se-á devido a mais de meio século de pesquisa que surgem de um pressuposto antropológico.

Porém para obtermos uma pesquisa com êxito é necessário que nos desprendamos do nosso “eu” limitado por uma da ideologia eurocêntrica que vem sendo enraizado na sociedade Brasileira desde sua colonização.

“Mesmo que os arqueólogos não possam deixar de ser olhos do seu tempo e reproduzir seus preconceitos, eles têm o dever de tentar superá-los, procurando sempre as diversas explicações possíveis, algumas delas ainda não pensadas para os vestígios que encontram. Humildade diante da realidade material que descobre, consciência da limitação do registro arqueológico e da insuficiência dos modelos propostos por nossa própria sociedade, estas são as primeiras qualidades que o arqueólogo deve desenvolver.” (PROUS, 2007, p.9)

À medida que as pesquisas arqueológicas na região avançam mais descobertas tem sido realizada, cada vez mais se encontra vestígios de um povo que deixou suas marcas nos levando assim a realizar um diálogo com esses

espaços que são na verdade assinaturas antrópicas das comunidades que ocuparam os mesmos.

SCHIFFER (1983) tenta responder como o registro arqueológico foi formado pelo comportamento humano, no que tange o sistema cultural. Ainda segundo o referido autor podemos identificar na pesquisa dos vestígios arqueológicos a formação de seu registro dentro do processo cultural de formação do sítio, onde podemos observar as principais ações e transformações do contexto sistêmico para o contexto arqueológico apresentando algumas características entre elas o refugio primário, o mesmo é caracterizado por artefatos que podem ser interpretadas como pertencentes ao seu local de fabricação e uso, a exemplo de fogueiras, essas áreas definem um local de atividades específicas com artefatos que foram feitos e utilizados no mesmo local, e o refugio secundário que tem por característica objetos que não foram fabricados no local, porém transportados para um outro ambiente, e por último o refugio de facto, que são resquícios de processos de fabricação de artefatos que caracterizam uma área de atividade, podemos citar as micro-lascas durante a fabricação de um artefato lítico; ou bolotas de argila.

O sítio deve ser analisado de maneira conjunta com fatores do ambiente (ecofatos), como os níveis de processos de deposição de sedimentos, e quais efeitos irão causar na disposição dos materiais no sítio, a análise deste fator não-cultural de formação, possui a maior importância nas inferências comportamentais a partir do registro arqueológico.

“A discussão dos processos de formação de sítios arqueológicos já foi colocada por vários autores (Schiffer, 1972,1983; Villa, 1982,1983; Wood & Johnson, 1979, entre outros). Existem os fatores inerentes a própria ocupação de um espaço geográfico discreto por uma dada população, que pisoteou o solo, removeu detritos, transportou artefatos de um local para outro etc., e fatores naturais, pós-deposicionais, que vem modificar ainda mais as características espaciais dos vestígios arqueológicos. Cabe aqui atentar para o fato de que se considera estas transformações como agentes de modificação e não de distorção.” (ARAÚJO, 1995, p.02)

5. SÍTIO DESTRUÍDO OU PERTUBADO?

Segundo LEHMANN *et al* (2003) apud MARCONDES *et al*, em muitas regiões, as sociedades indígenas formaram extensos depósitos de resíduos, para muitos simplesmente rejeitos, que alteraram as propriedades do solo, esses locais é o que definimos por sítios Arqueológicos e muitas informações a respeito das sociedades pretéritas podemos exaurir do mesmo, é um conjunto de enciclopédia natural onde podemos criar um diálogo entre o pesquisador e seu objeto de pesquisa.

Um sítio arqueológico que recebeu muita influência antrópica foi bastante modificado, as informações contidas no mesmo podem está comprometidas e com lacunas que em muitos casos torna-se difícil sua interpretação ou não transmite informação nenhuma, para alguns pesquisadores tal ato causou a destruição do mesmo, acabam de certa forma discriminando o sítio e esquecendo que cada processo ocupacional deixam marcas e desta forma proporciona ao pesquisador uma leitura de como esse espaço vem sendo tratado por parte dos seus ocupantes.

Por mais impactado que esteja o sítio ele te transmite informações dos grupos que o transformaram, ou seja, acreditamos na transformação do sítio, contendo informações de povos diferentes que modificaram o mesmo desde os primeiros povoamentos aos dias atuais.

“Ao mesmo tempo, a definição de "sítios perturbados" ou "destruídos" passa pelo fato de os mesmos estarem próximos à superfície. A fragilidade deste raciocínio é patente quando se tem em vista que todo sítio enterrado já esteve em superfície, e portanto já foi sujeito às mesmas forças naturais e culturais que afetam os sítios rasos. Muito já foi escrito a respeito de processos de formação de sítios arqueológicos, e sabe-se hoje que o soterramento não é sinônimo de preservação das relações espaciais entre artefatos” (ARAÚJO, 2001, p.08).

Portanto temos que rever esse conceito de “Sítios destruídos”, pois toda ação transformadora nos revela informações a respeito do mesmo, bem sabemos que todo sítio tem seu potencial e cabe a nós descobrirmos o que eles têm a nos informar, mas para isso é necessário que nos desprendamos de um conceito formado no senso comum ao qual potencializa uns sítios e outros não. ARAÚJO

(2001) nos traz três contra-sensos que contrariam o senso comum com isso nos levando a uma reflexão sobre o potencial de sítios.

“Em primeiro lugar, a noção de que existem sítios "intactos" deveria ser abolida. A existência de uma elite de "sítios intactos" pressupõe a existência de sítios de segunda classe, onde os métodos podem ser afrouxados sem que o pesquisador se sinta constrangido. Embora ninguém negue a existência potencial de diferentes estados de conservação, nosso atual grau de conhecimento geoarqueológico a respeito de processos de formação de sítios e indica que a categoria de "sítio intacto" é uma abstração, não verificável em termos empíricos. Conseqüentemente, todo o sítio deve ser considerado como portador de informação *a/é* que se prove o contrário... Em terceiro lugar, ao contrário do que tanto nossa impressão quanto nosso senso-comum possam transmitir, o princípio de funcionamento do arado e implementos agrícolas correlatos e consiste basicamente em revolver a terra, e *não* transportá-la (p.ex.: Studman & Field, 1975). Assim, existe uma movimentação vertical que pode atingir em média uma faixa de 40 cm de profundidade, aliada a uma movimentação horizontal de pouca expressão, conforme será colocado adiante. Se quisermos usar nosso senso comum para incorporar esta informação, é só notar que se a terra fosse de fato transportada pelo arado, toda plantação teria a forma de uma bacia, dado o fato de que a terra arrastada a partir do centro.” (ARAÚJO, 2001, p.10)

Para formação de um sítio arqueológico é necessário centenas ou milhares de anos de antropização do solo, esses locais trazem consigo as marcas deixadas por essas comunidades, de acordo com SCHIFFER (1975) *apud* MACHADO (2005) outros fatores que formam esses registros são as ações naturais, diversos são os fatores responsáveis pela formação dos registros em um determinado sítio arqueológico tais como: ações antrópicas, intemperismo e bioturbações. Baseado nesta afirmativa nossa pesquisa no sítio Arqueológico Reserva Duque I procura trazer informações sobre sua caracterização, e agentes transformadores.

“Se um determinado artefato é depositado no registro arqueológico e outro do mesmo tipo, com origem comum, permanece no registro histórico, ambos passarão por processos de formação diferentes. Em particular, é possível que eles estejam em estado de conservação diferentes. De qualquer modo, ao compará-los um arqueólogo pode tirar conclusões relevantes sobre a produção de ambos e sobre como se transformaram com o passar do tempo”. (GOULART, 2014, p.33).

SCHIFFER (1996) *apud* GOULART (2014) define os artefatos que já fizeram parte de um sistema cultural, mas que, ao entrarem no registro

arqueológico, passaram a interagir apenas com o meio ambiente estão constantemente mudando de contexto. No momento que o mesmo é retirado deixa de pertencer ao contexto arqueológico e volta para o contexto sistêmico.

O que entende-se por sítio perturbado? O que seria um sítio intacto? Se eu tenho uma área onde foi povoada por grupos diferentes de pessoas em períodos diferentes esse local tornar-se um sítio arqueológico multicomponencial está perturbado ou me fornece informações de grupos sociais antrópicos diferentes em períodos cronológicos diferentes?

Pois bem, se o espaço utilizado para ocupação humana for reutilizado por outras sociedades em espaço temporal diferente é lógico que o mesmo sofrerá influência em sua formação dos outros povos que povoou em outra ocupação.

“E comum que se considere “perturbado” um sítio arqueológico a céu aberto, em uma plantação, sujeito a ação do arado. Dependendo do tipo de arado, somente serão considerados “perturbados” os primeiros 20 ou 30 centímetros de solo. Em se tratando de um sítio multicomponencial, com um nível cerâmico sobreposto a um ou mais níveis líticos, provavelmente estes últimos serão considerados “intactos”, a escavação se procedera buscando níveis naturais, faixas com menor concentração de peças serão identificadas como níveis estéreis, o carvão que porventura exista nos vários níveis será coletado e as datações de C14 serão associadas as peças que se encontravam no mesmo “nível arqueológico” do carvão. A suposição de que um sítio está “intacto” e ainda mais forte quando se trata de abrigos rochosos ou cavernas em locais de difícil acesso”. (ARAÚJO, 1995, p.02).

Para ARAÚJO (1995) a discussão dos processos de formação de sítios arqueológicos já foi colocada por vários autores entre eles destaque SCHIFFER (1972), pois o mesmo nos leva a ver os objetos de cultura material deixados pelos povos humanos como algo que está em constante modificação, objeto de uso para uma determinada cultura para outra que reutiliza o espaço não é mais.

Existem os fatores inerentes a própria ocupação de um espaço geográfico discreto por uma dada população, a mesma ocupou aquele espaço, removeu materiais, transportou artefatos, e fatores naturais, que vem modificar ainda mais as características espaciais dos vestígios arqueológicos. Temos que ter o cuidado e não acabar dispondo a esses agentes transformadores uma identidade de destruição, se uma comunidade humana habita a mesma área e utiliza ela para

suas atividades diárias ela estaria criando uma nova assinatura cultural naquele referido espaço, desta forma proporcionando um diálogo mais fervoroso entre pesquisador e objeto de pesquisa, cada camada estratigráfica falaria por si o modo de vida de quem utilizou tal espaço e até que ponto o último grupo sofreu influência do primeiro.

“A suposição de que um sítio está “intacto” e ainda mais forte quando se trata de abrigos rochosos ou cavernas em locais de difícil acesso. A pergunta é: até que ponto não se está incorrendo na chamada “premissa de Pompeia” (Ascher, 1961 *apud*: Binford, 1981), ou seja, na noção errônea e (perigosamente) implícita de que o material arqueológico encontrado em uma escavação se mostra espacialmente disposto da mesma maneira em que foi deixado pela comunidade humana que o utilizou?” (ARAÚJO, 1995, p.02).

Durante o curso de bacharelado em Arqueologia participamos diversas vezes de debates e discussões em sala de aula, e muitas das vezes ouvimos sempre o termo sítio intacto e sítio impactado ou destruído, mas o que seria um sítio intacto? Ou o que lhe tornar mais importante em relações aos demais sítios (tidos como impactados) na visão de alguns pesquisadores? Se ambos nos revelam que houve uma transformação no ambiente causado pelo processo de ocupação humana, em alguns casos até mesmo em períodos cronológicos diferentes, ou seja são sítios com mais de uma assinatura cultural, podem possuir características diferentes, mas isso não significa que possa existir uma elite de sítios de primeira ou segunda classe, se nós pesquisadores discriminamos a própria cultura material como que iremos transpor a sociedade que devemos valorizar o patrimônio cultural se elitizamos uns sítios e descriminarmos outros?

Para BINFORD (1991) o trabalho vai além de desenterrar objetos ou retirar camadas de solo, o processo de análise está alicerçado na leitura do registro arqueológico, ou seja, compreender as sociedades pretéritas utilizando seus vestígios, o que levou as populações humanas a fabricá-los é uma incógnita que só pode ser respondida após um longo diálogo entre pesquisador e objeto, por isso não podemos generalizar ou criar grupos e sub-grupos de sítios arqueológico, se o sítio me proporciona realizar um diálogo com o mesmo, se me remite informações de ações antrópicas ele não pode está destruído, a terminologia “destruído” soa

com tom de algo que não tem utilidade, por essa razão não devemos generalizar os fatos, cada caso é um caso.

Um sítio arqueológico, por exemplo, que sofreu intenso bombardeio não restando nada além de poeira destruindo todo e qualquer indicio de cultura material, não pode ser visto da mesma forma de um sítio quem sofrendo os impactos do crescimento urbano, pois se o primeiro sítio foi completamente destruído impossibilita o diálogo, já no segundo caso se o sítio me permite um diálogo podemos exaurir dele alguma informação, o referido sofreu impacto com a expansão urbana perturbando-o, porém, não o tornando inutilizável.

Ainda segundo ARAÚJO (2001-2002) a noção de que existem sítios intactos deve ser abolida, pois acaba elitizando alguns sítios e com isso nos dão a ideia que existem sítios de segunda classe, com isso “métodos podem ser afrouxados sem que o pesquisador fique com peso em sua consciência, todo sítio deve ser considerado um portador de informações, até que venha se provar o contrário”.

“Em primeiro lugar, a noção de que existem sítios "intactos" deveria ser abolida. A existência de uma elite de "sítios intactos" pressupõe a existência de sítios de segunda classe, onde os métodos podem ser afrouxados sem que o pesquisador se sinta constrangido. Embora ninguém negue a existência potencial de diferentes estados de conservação, nosso atual grau de conhecimento geoarqueológico a respeito de processos de formação de sítios e indica que a categoria de "sítio intacto" é uma abstração, não verificável em termos empíricos. Consequentemente, todo o sítio deve ser considerado como portador de informação a/é que se prove o contrário. A aplicação de um princípio básico do Direito. O princípio da inocência presumida, seria de bom alvitre na prática arqueológica. Se não temos como provar que um sítio está destruído, ele não está.” (ARAÚJO, 2001, p.4).

Outro fato que é de suma importância e não poderíamos deixar de citar nesta referida pesquisa é o que insiste em permear em alguns que a prática arqueológica se legitima somente com a prospecção de solo através da escavação.

Segundo ARAÚJO (2001) a primeira atividade a ser executada em um sítio com visibilidade ótima é a prospecção de superfície para isso utilizamos a técnica de prospecção denominada varredura sistemática, onde a equipe caminham lado a lado, a distâncias regulares entre si, inspecionando o solo em busca de vestígios

de cultura material, desta forma nos permitindo uma cobertura completa e regular do terreno no menor intervalo de tempo.

“...Em segundo lugar, temos que nos libertar da noção de que a prática arqueológica só é legitimada pela escavação. Novamente, este é um conceito que vem se perpetuando por décadas, e que pode ser encontrado em textos básicos. Estudos mais recentes já demonstraram que sítios de superfície sujeitos à aradura podem fornecer dados de mais alta qualidade, em muitos casos sem necessidade de escavações... Em terceiro lugar, ao contrário do que tanto nossa impressão quanto nosso senso-comum possam transmitir, o princípio de funcionamento do arado e implementos agrícolas correlatos e consiste basicamente em revolver a terra, e não transportá-la (p. ex.: Studman & Field, 1975). (ARAÚJO, 2001, p.4).



Figura 6 - Equipe alinhada na prospecção em superfície, Sítio Arqueológico Reserva Duque I.

Capítulo II

6. UM ESTUDO DE CASO: ATIVIDADES REALIZADAS NO SÍTIO RESERVA DUQUE I

As atividades foram desenvolvidas no âmbito do “Programa de Resgate Arqueológico, Monitoramento Arqueológico e Educação Patrimonial, na Obra de Implantação de Pavimentação e Drenagem de Via Urbana de Interligação entre a Reserva Duque e a Rotatória da Suframa (Bola Da Suframa), localizado em

Manaus, Amazonas.” Coordenado pela arqueóloga MSc. Ivone Bezerra, a pesquisa foi autorizada pelo Iphan através da Portaria n.º 65, de 09 de dezembro de 2016. Publicada no DOU n.º 237, seção 1, de 12 de dezembro de 2016, às pág. 8-9.

Este sítio foi identificado durante a execução do projeto “Diagnóstico Interventivo, Prospecção Arqueológica e Educação Patrimonial na Obra de Implantação de Pavimentação e Drenagem de Via Urbana de Interligação entre a Reserva Ducke e a Rotatória da Suframa (Bola da Suframa)” coordenado pelo arqueólogo Wesley Charles Oliveira (Oliveira 2014).

O salvamento arqueológico do sítio Reserva Duque I ocorreu no período de 15/02/2017 à 12/03/2017, sendo realizada as seguintes atividades:

- O mapeamento do sítio;
- Delimitação do sítio através da combinação de tradagens com escavação de unidades 1x1m, intercalando-as;
- Caminhamento na área do sítio;
- Estudo de feições arqueológicas;
- Coleta de todos os vestígios culturais encontrados;
- Concentração/dispersão dos vestígios arqueológicos dentro do sítio;
- Coleta de amostras de material orgânico carbonizado para datação;
- Avaliação do estado de conservação e das possíveis causas de degradação do sítio Reserva Duque I.

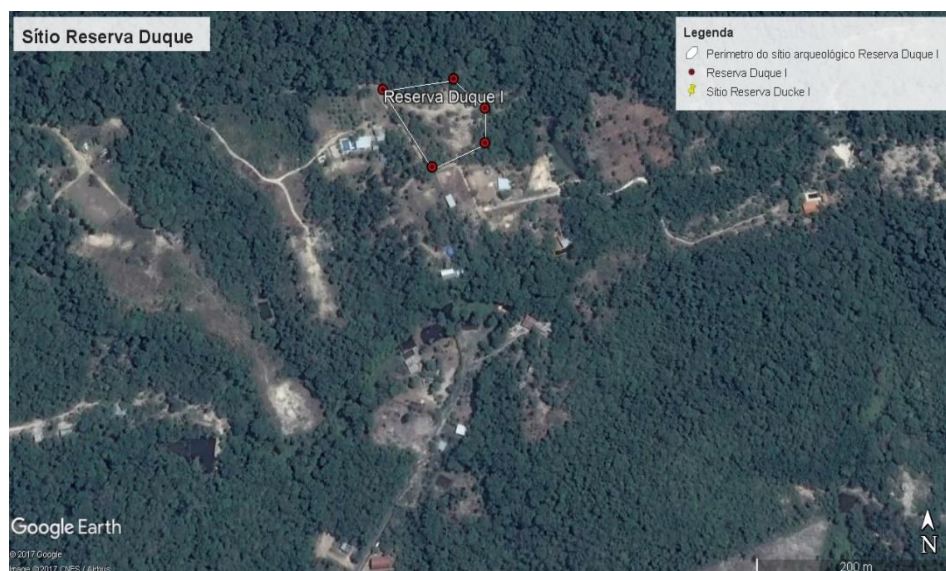


Figura 7 Imagem de Satélite da Área do Sítio arqueológico Reserva Duque I.



Figura 8 Foto: Clarindo Moreira; Sítio Arqueológico Reserva Duque I.



Figura 9 Equipe escavando e peneirando o solo. Foto: Banco de dados da Laghi Engenharia, 2017

A investigação do sítio foi feita por tradagem e por escavação intercaladas, de forma espaçada sobre malha pré-determinada de 10x10 m. A malha prevista determinou 39 pontos destinados a tradagens e 38 pontos destinados a unidades de escavação. Além das unidades e das tradagens outro procedimento aplicado na área do sítio foi à prospecção em superfície (Bezerra, 2017).

A prospecção arqueológica desenvolvida em campo compreendeu a realização de inspeção visual de superfície em toda a área do sítio, abrangeu todo o compartimento ambiental do sítio, e teve por objetivo, identificar os vestígios arqueológicos em superfície ao longo do mesmo, esta referida metodologia foi de suma importância para varredura total na área.



Figura 10 Equipe alinhada para a prospecção em superfície. Foto: Banco de dados da Laghi Engenharia, 2017.

O caminhamento ocorreu de forma sistemática, onde foram privilegiados as linhas elaborados para a prospecção em subsuperfície, nos quais os membros da equipe foram posicionados em uma distância de 5 metros entre si, percorrendo de um marco a outro. Na medida em que foram sendo encontrados vestígios de cultura material, assinalávamo-nos com uma vareta de madeira, marcada com fita vermelha.



Figura 11 Vertas de madeira com fita vermelha assinalando material cultural em superfície. Foto: Banco de dados da Laghi Engenharia, 2017.

“A primeira atividade a ser executada em um sítio com visibilidade ótima é a prospecção de superfície. Um dos componentes do método descrito acima é a técnica de prospecção denominada varredura sistemática, onde os membros da equipe caminham lado a lado, a distâncias regulares entre si, inspecionando o solo em busca de artefatos. A vantagem óbvia desta técnica é permitir uma cobertura completa e regular do terreno no menor intervalo de tempo. Permitir que os membros da equipe caminhem a esmo é ineficaz em termos de tempo e de cobertura (quantas vezes uma mesma área foi percorrida por pessoas diferentes, e quantas áreas restaram sem inspeção?). Outra faceta desta técnica é a utilização de bandeirolas de plástico para marcar a posição das peças *in loco*. Deste modo, os membros da equipe não coletam as peças que encontram, mas fincam uma bandeirola ao lado de cada peça-. Para evitar qualquer tipo de erro sistemático nas observações, os membros da equipe têm suas posições trocadas a cada varredura. O resultado imediato desta técnica é bastante revelador: pode-se perceber, ainda em campo, onde ocorrem concentrações de material, quais suas dimensões e como elas se distribuem no espaço. Poder contar com tal informação auxilia enormemente a tomada de decisões, e por si só já justificaria o procedimento”. (ARAÚJO, 2001, p.4-5).



Figura 12 Equipe assinalando o material cultural em superfície nas áreas próximas aos piquetes. Foto: Banco de dados da Laghi Engenharia, 2017.

Em Superfície foram identificados cinquenta e nove (59) pontos com ocorrência de material cultural em superfície. Ao todo, foram coletados trezentos e

doze (312) fragmentos cerâmicos, sem decoração. Foi identificado ainda, no ponto 46, cinco (05) fragmentos de produção de cerâmica (bola de argila).

Nos mapas abaixo podemos identificar o polígono limite do sítio assim como as tradagens (pontos alaranjados) e unidades (pontos pretos).



Figura 13 Registro do caminhamento no Google Earth. Fonte: Relatório de Campo; Projeto Salvamento Reserva Duque I.

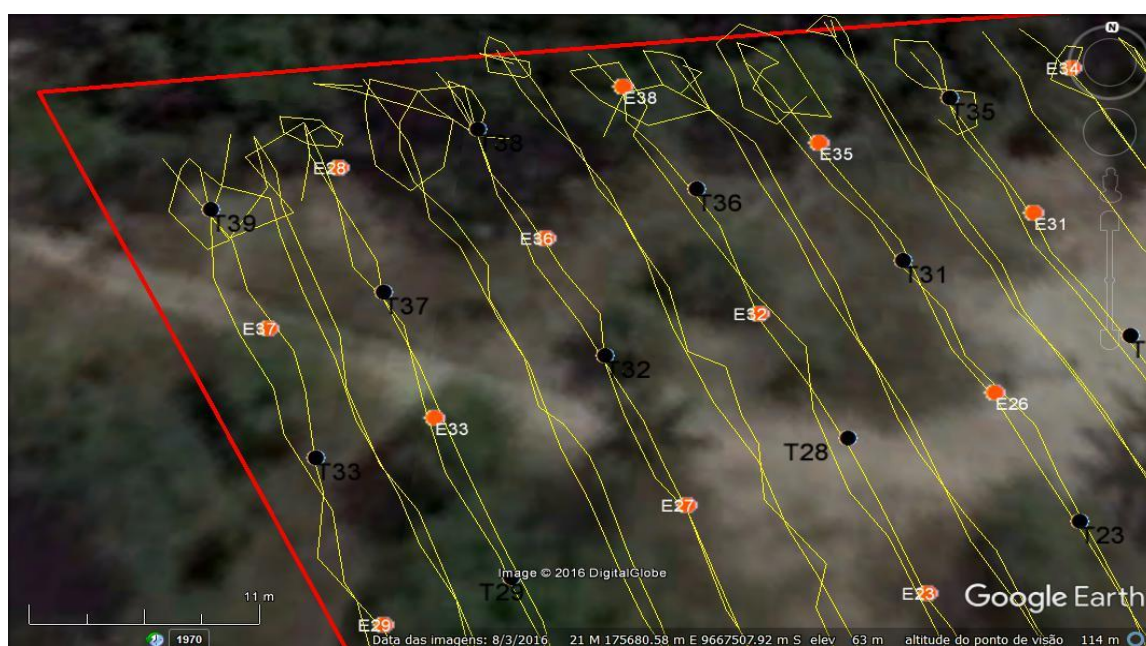


Figura 14 Registro do caminhamento no Google Earth. Fonte: Relatório de Campo; Projeto Salvamento Reserva Duque I.



Figura 15 Registro do caminhamento no Google Earth. Fonte: Relatório de Campo; Projeto Salvamento Reserva Duque I.



Figura 16 Registro do caminhamento no Google Earth. Fonte: Relatório de Campo; Projeto Salvamento Reserva Duque I.



Figura 17 Registro do caminhamento no Google Earth. Fonte: Relatório de Campo; Projeto Salvamento Reserva Duque I.

Abaixo, listagem dos pontos onde foram coletados vestígios de cultura material:

Ponto de coleta	Localização (Coordenada UTM SIRGAS 2000)	Tipo de material	Qtd	Data da coleta
1	175730 / 9667522	Cerâmica	1	12/03/2017
2	175730 / 9667517	Cerâmica	1	12/03/2017
3	175733 / 9667513	Cerâmica	5	12/03/2017
4	175735 / 9667514	Cerâmica	1	12/03/2017
5	175726 / 9667514	Cerâmica	22	12/03/2017
6	175727 / 9667511	Cerâmica	5	12/03/2017
7	175731 / 9667501	Cerâmica	5	12/03/2017
8	175729 / 9667503	Cerâmica	1	12/03/2017
9	175738 / 9667509	Cerâmica	3	12/03/2017
10	175743 / 9667509	Cerâmica	9	12/03/2017
11	175739 / 9667500	Cerâmica	7	12/03/2017
12	175739 / 9667498	Cerâmica	14	12/03/2017

13	175743 / 9667499	Cerâmica	3	12/03/2017
14	175746 / 9667500	Cerâmica	5	12/03/2017
15	175749 / 9667503	Cerâmica	1	12/03/2017
16	175750 / 9667499	Cerâmica	1	12/03/2017
17	175742 / 9667493	Cerâmica	11	12/03/2017
18	175742 / 9667484	Cerâmica	10	12/03/2017
19	175735 / 9667496	Cerâmica	3	12/03/2017
20	175735 / 9667493	Cerâmica	10	12/03/2017
21	175734 / 9667491	Cerâmica	4	12/03/2017
22	175733 / 9667493	Cerâmica	3	12/03/2017
23	175737 / 9667486	Cerâmica	5	12/03/2017
24	175743 / 9667487	Cerâmica	2	12/03/2017
25	175746 / 9667484	Cerâmica	23	12/03/2017
26	175750 / 9667477	Cerâmica	4	12/03/2017
27	175736 / 9667481	Cerâmica	3	12/03/2017
28	175731 / 9667480	Cerâmica	4	12/03/2017
29	175730 / 9667482	Cerâmica	5	12/03/2017
30	175733 / 9667482	Cerâmica	1	12/03/2017
31	175732 / 9667485	Cerâmica	5	12/03/2017
32	175734 / 9667487	Cerâmica	1	12/03/2017
33	175727 / 9667493	Cerâmica	4	12/03/2017
34	175725 / 9667504	Cerâmica	1	12/03/2017
35	175722 / 9667508	Cerâmica	3	12/03/2017
36	175717 / 9667508	Cerâmica	6	12/03/2017
37	175719 / 9667517	Cerâmica	5	12/03/2017
38	175714 / 9667514	Cerâmica	52	12/03/2017
39	175712 / 9667518	Cerâmica	3	12/03/2017
40	175716 / 9667518	Cerâmica	2	12/03/2017
41	175714 / 9667523	Cerâmica	1	12/03/2017
42	175709 / 9667525	Cerâmica	7	12/03/2017
43	175705 / 9667516	Cerâmica	2	12/03/2017

44	175709 / 9667509	Cerâmica	1	12/03/2017
45	175702 / 9667511	Cerâmica	1	12/03/2017
46	175731 / 9667468	Cerâmica	12	12/03/2017
46	175731 / 9667468	Bola de argila	5	12/03/2017
47	175732 / 9667465	Cerâmica	7	12/03/2017
48	175734 / 9667463	Cerâmica	2	12/03/2017
49	175717 / 9667478	Cerâmica	1	12/03/2017
50	175718 / 9667469	Cerâmica	6	12/03/2017
51	175713 / 9667476	Cerâmica	1	12/03/2017
52	175712 / 9667478	Cerâmica	1	12/03/2017
53	175702 / 9667503	Cerâmica	2	12/03/2017
54	175700 / 9667501	Cerâmica	1	12/03/2017
55	175659 / 9667509	Cerâmica	2	12/03/2017
56	175660 / 9667513	Cerâmica	2	12/03/2017
57	175708 / 9667476	Cerâmica	2	17/02/2017
58	175728 / 9667470	Cerâmica	1	17/02/2017
59	175708 / 9667474	Cerâmica	6	17/02/2017

Figura 18 Listagem dos pontos onde coletou-se material em superfície com suas respectivas coordenadas geográficas, tipo de material, quantidade e data de coleta.

Durante as tradagens observou-se que a área do sítio é bastante dinâmica uma parte é composta por solo arenoso e outra está bastante compactada, possui um relevo levemente ondulado no entorno e, predomina uma vegetação secundária composta por gramíneas e arbustos esparsos, com árvores de médio porte no entorno, na tradagem o solo em superfície estava macio, semiúmido, arenoso, coloração marrom acinzentado, com poáceas e herbáceas, tanto as unidades de escavação quanto as tradagens foram sistematicamente distribuídas por todo o sítio arqueológico, localizado na ADA do empreendimento.

A área foi piqueteada com estacas, onde os piquetes eram diferenciados por uma das extremidades marcada por fita vermelha. As estacas com fita vermelha localizava o lugar onde seria aberta uma unidade, sendo os piquetes sem marcação de fita, indicariam o lugar onde seria aberta uma tradagem. Cada piquete

recebeu uma numeração para identificação. Ao todo foram abertas 38 unidades e 39 tradagens, atingiram profundidade máxima de 120 cm, partir dos resultados das tradagens e das unidades foi possível identificar três (03) camadas, com características pedológicas distintas, a saber:

- ✓ Camada superior (0-20 cm) – solo com granulometria areno-argiloso, textura macio, semiúmido, coloração marrom escuro (7.5YR 3/3 – *dark brown*). com a presença de raízes e radículas. Com a presença de vestígios arqueológicos.
- ✓ Camada intermediária (20-70 cm) – solo arenoso, solto, semiúmido e coloração marrom amarelado (10YR 5/8 – *yellowish brown*). Com a presença de vestígios arqueológicos.
- ✓ Camada inferior (70-100 cm) – solo areno-argiloso, semi-compactado, semiúmido e coloração amarelo avermelhado (7.5YR 6/8 – *reddish yellow*). Sem presença de vestígios arqueológicos.

7. RESULTADOS ALCANÇADOS DURANTE A PESQUISA

Foram coletados 972 artefatos e ecofatos no salvamento arqueológico do sítio Reserva Duque I, sendo 923 fragmentos cerâmicos, 05 líticos, 01 fragmento de quartzo, 36 bolas de argila, 01 unha de animal, 01 carvão, 03 resinas, 01 bola de gude e 01 semente, como podemos na tabela a seguir:

Tipo de Material	Quantidade
Cerâmica	923
Lítico	5
Argila queimada	36
Carvão	1
Semente	1
Unha de gato	1

Quartzo	1
Resina	3
Bola de gude	1
Total	972

Figura 19 Tabela de Material coletado extraído do relatório de campo da Laghi Engenharia 2017.

As maiores quantidades de artefatos encontradas foram cerâmicas, conforme tabela acima. O material cerâmico passível de sofrer fragmentação com facilidade de esboroar-se, boa parte do material coletado possui poucas decorações na sua característica morfológica no material com decorações possuía pequenas incisões. Os artefatos encontrados mostram a baixa densidade de material cultural em comparação a outros sítios amazônicos, com ocorrência muito maior de material cerâmico. Na área houve um contraste em relação à densidade de material entre as unidades de escavação 632 artefatos, as tradagens 02 artefatos e a coleta de superfície 338 artefatos.

Como vemos no gráfico a seguir:

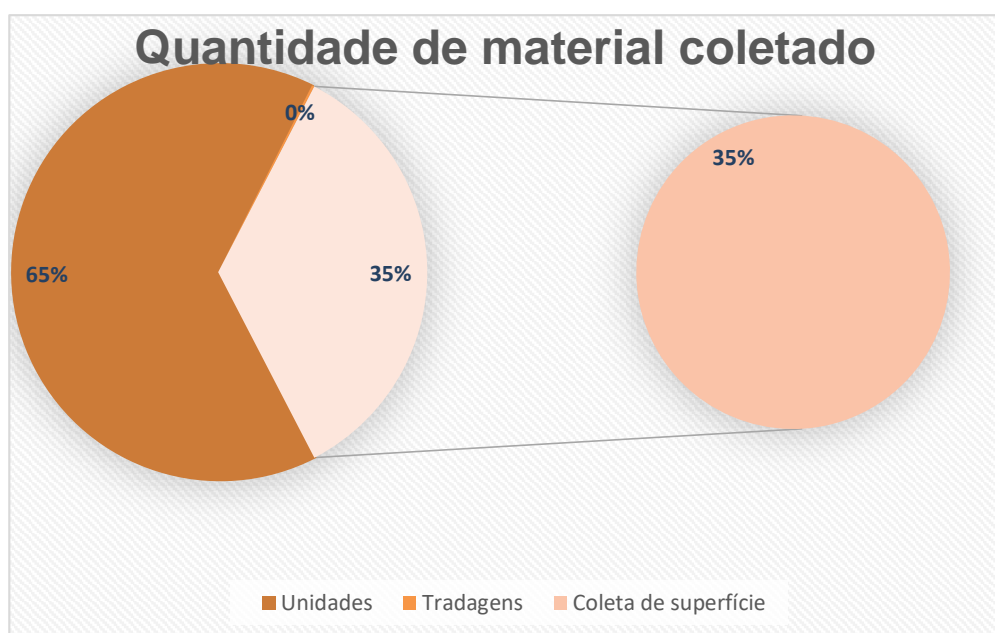


Figura 20 Modelo gráfico exaurido do relatório de campo da Laghi Engenharia 2017.

A espessura da camada cultural das unidades foi de 100 cm, já nas tradagens a maior espessura da camada cultural chegou a 70 cm. Sendo que das

39 tradagens, em apenas dois (02) foi encontrado material, e das 38 unidades, foi encontrado material arqueológico em 31 unidades. Tais dados mostram a baixa densidade de material nas tradagens, e uma densidade maior nas unidades.

Porém, se comparando a quantidade de material cultural encontrado no sítio, em relação ao volume de solo escavado com material, levando-se em consideração a espessura média da camada arqueológica que o material foi encontrado, o sítio apresenta baixa densidade de material cultural, com maior densidade média nas unidades E31, E29 e E22.

Como podemos ver na tabela a seguir:

Unidade	Espessura da camada arqueológica (m)	Quantidade de material encontrado	volume do solo escavado (m³)	Densidade Média (n° frag./m³)
E02	1	11	1	11
E04	0,20	9	0,2	45
E05	0,50	15	0,5	30
E06	1	15	1	15
E07	0,30	1	0,3	3,333333333
E09	0,30	8	0,3	26,66666667
E10	0,20	14	0,2	70
E11	0,60	45	0,6	75
E12	0,30	9	0,3	30
E13	0,40	32	0,4	80
E14	0,20	24	0,2	120
E15	0,50	21	0,5	42
E16	0,20	2	0,2	10
E17	0,22	6	0,22	27,27272727

E18	0,60	19	0,6	31,66666667
E18 - Ampliação	0,80	5	64	0,078125
E19	0,73	58	0,73	79,45205479
E19- Extensão	0,90	61	225	0,2711111111
E20	0,30	2	0,3	6,666666667
E21	0,20	1	20	0,05
E22	0,30	45	0,3	150
E23	0,20	5	0,2	25
E24	0,40	7	0,4	17,5
E26	0,60	17	0,6	28,33333333
E27	0,20	2	0,2	10
E29	0,70	126	0,7	180
E31	0,10	24	0,1	240
E32	0,60	20	0,6	33,33333333
E33	0,70	42	0,7	60
E35	0,10	2	0,1	20
E36	0,50	2	0,5	4
E37	0,20	2	0,2	10
E38	0,50	1	0,5	2

Figura 21 Tabelas das Unidades exaurido do relatório de campo da Laghi Engenharia 2017.

Destaca-se que durante o processo de salvamento foi encontrado na unidade E12 uma vasilha cerâmica, bastante preservada e foi retirada com solo dentro, para ser analisada em laboratório.



Figura 22 Base de 20 cm de profundidade. Foto: Banco de dados da Laghi Engenharia, 2017.

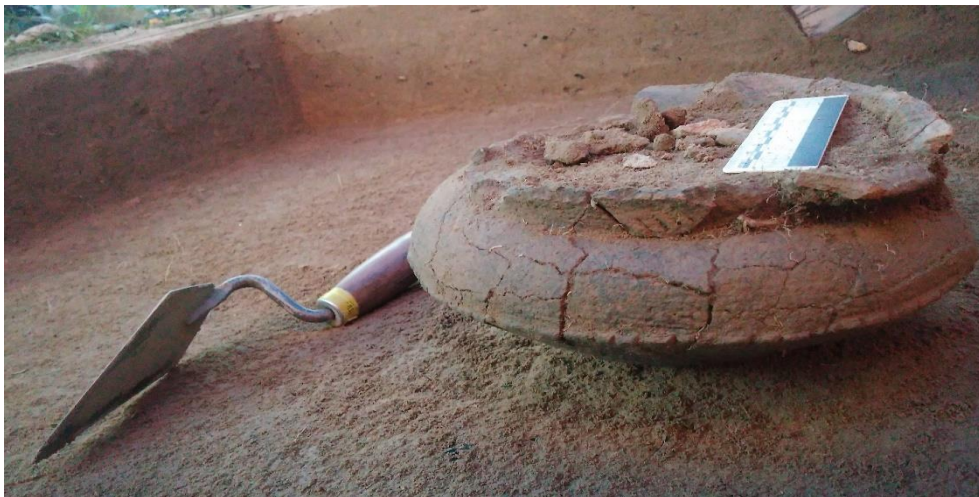


Figura 23 Vasilha Cerâmica encontrada no Sítio Arqueológico Reserva Duque I. Foto: Clarindo Moreira.



Figura 24 Vasilha Cerâmica encontrada no Sítio Arqueológico Reserva Duque I. Foto: Clarindo Moreira.

A vasilha estava localizada nos 10 primeiros centímetros e nos 20 centímetros foi retirada, e encaminhada para ser feita a curadoria, até o momento da conclusão deste referido trabalho ainda não foi realizada a análise.



Figura 255 Vasilha sendo preparada para a sua retirada. Foto: Banco de dados da Laghi Engenharia, 2017.



Figura 266 Vasilha sendo colocada dentro da caixa de isopor para transporte. Foto: Banco de dados da Laghi Engenharia, 2017.

Foi observado no decorrer da pesquisa a realidade do sítio arqueológico Reserva Duque I as seguintes características:

- Solo antropogênico bastante prejudicado, tanto por ações provocadas pelo intemperismo físico oriundo das precipitações pluviométricas, e altas temperaturas, como também, pelos impactos ambientais diários provocados pela ação antrópica, que de forma, provocou uma alteração na área do sítio.
- Perfil geomorfológico da área do sítio apresenta-se relativamente plano, com um declive na parte leste dos limites do sítio arqueológico.
- As atividades executadas pelos moradores que residem no entorno do sítio arqueológico, e o crescimento demográfico e espacial da área urbana, já provocam grande “destruição”, e no somatório destes fatores, a tendência é o sítio arqueológico dissipar-se. Trata-se de um sítio cerâmico, está localizado na Zona Leste de Manaus no Bairro de Jorge Teixeira com as seguintes coordenadas GPS de acordo Google Earth 3°00'15.3"S 59°55'01.9"W.

A área do Sítio Reserva Duque I é relativamente plana, com um declive na porção leste do sítio, um pouco preservado na porção oeste, fazendo limite com a reserva Ducke.

O sítio apresenta-se erodido por diversos tipos de ações, possui um alto nível de antropização. Nota-se que houve a retirada da camada húmica (camada arqueológica), e esses elementos agregados aos domínios morfoclimáticos amazônicos, tornam expressiva a destruição do sítio arqueológico Reserva Duque I. Em relação a adjacência do sítio (leste), existe um processo de lixiviação e assoreamento provocado por igarapé.

Assim com os dados obtidos foi possível estabelecer uma hipótese sobre a ocupação humana da região em que o sítio arqueológico está inserido. A hipótese foi formulada com base nas análises dos vestígios arqueológicos encontrados, paisagem local, camadas estratigráficas e arqueológicas. O sítio encontra-se

inserido em local de terra preta, a análise na transformação da paisagem local faz-se necessário, para a compreensão da ocupação.



Figura 277 Equipe alinhada na prospecção em superfície. Foto: Banco de dados da Laghi Engenharia, 2017.

Manaus é uma das capitais brasileiras mais ricas em termos de patrimônio arqueológico pré-colonial. Em sua área urbana e no seu entorno, já foram identificadas quase uma centena de sítios. Na Zona Leste não é diferente. As pesquisas arqueológicas sugerem que a região e seu entorno foi densamente ocupada com uma história indígena que remonta a milhares anos.

Segundo MORAES et al (2015) os sítios cerâmicos encontrados na região já somam quase uma dezena. Os artefatos existentes nesses locais remetem a diferentes períodos e estilos, e incluem diversas utilidades, entre elas a funerária. Esses achados apontam para uma sequência de ocupações, aparentemente ininterrupta, desde o início da era cristã até o contato com os europeus e os dias atuais. Com 2 milhões de habitantes, de acordo com a última estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Manaus é a 7ª cidade mais populosa do Brasil só na zona Leste local onde está situado o sítio arqueológico Reserva Duque I possui temos cerca de 392.599 habitantes (IBGE,2010).

Essa expansão demográfica ocorreu de forma desordenada, sendo que um dos maiores fatores foi o êxodo rural, diversos habitantes das áreas de várzea

procuraram a capital do Amazonas para se refugiarem das constantes cheias do rio Negro e Solimões em busca de uma melhor qualidade de vida. Na década de 70 a ocupação urbana davam-se nas regiões Sul, Centro Sul, Oeste e Centro Oeste da sede municipal, em meados de 1980 houve um grande número de loteamentos feitos pelo poder público como os bairros do São José, Zumbi do Palmares, Armando Mendes e Cidade Nova. Desta forma crescimento populacional na área urbana de Manaus, gerou uma imensa alteração no se espaço físico.

Com um número de ocupações irregulares intensas na zona leste da cidade, denominadas de invasões ocasionou enormes impactos ambientais: entre eles destacamos a supressão da vegetação, assoreamento e poluição de igarapés.

Na área onde está localizado nosso objeto de pesquisa foi construída uma casa e durante a realização do Projeto de Resgate observou-se que foi retirada toda camada arqueológica, deixando o solo exposto. No igarapé próximo, da residência foi feito uma barragem, com isso formando uma piscina natural.

A vegetação retirada foi substituída por arvores frutíferas. Além disso, é feito com frequência a “limpeza” da área, onde é retirada a vegetação rasteira, como gramíneas e arbustos, removendo cada vez mais a camada arqueológica. Tal limpeza ocasiona uma grande quantidade de artefatos em superfície da área, desta forma impossibilita fazer inferências sobre o material arqueológico encontrado na superfície, pois está fora de contexto.

Os vestígios arqueológicos encontrados na área do sítio Reserva Duque I nos mostram que houve uma ocupação antropogênica anterior a ocupação irregular, pela camada arqueológica encontrada no sítio podemos deduzir que a área que hoje abrange o nosso objeto de pesquisa passara por um processo de ocupação antropogênica há cerca de 700 a mil anos atrás, porém as análises de laboratório poderão confirmar essa hipótese ou não (BEZERRA,2017).

Os locais de potencial arqueológico encontram-se assentados nessas áreas que passaram por processo de urbanização, de forma descontrolada e sem planejamento . Isto é, os sítios são destruídos com todas as suas particularidades e fundamentos.

Levando-se em conta, os impactos causados pela interferência da implantação da obra, juntamente com as invasões e / ou assentamentos, que são influenciadas pelo processo de expansão urbana, de forma desordenada da população que habita a área de referência, o impacto direto causado, infere na destruição total do sítio arqueológico. (BEZERRA, 2017).

8. CONCLUSÃO

A presente pesquisa foi realizada através da metodologia de pesquisa bibliográfica, e pesquisa de campo, realizamos uma análise paisagística do local, onde procuramos caracterizar o sítio nas mudanças que o mesmo sofrera tanto por comunidades pretéritas e atuais, quanto pelo intemperismo natural.

“Se partíssemos da “premissa de Pompeia”, a resposta a questão colocada no início do artigo seria categórica: “não existem sítios arqueológicos intactos”. Pelo menos não no sentido almejado e implícito em várias publicações e relatórios de escavação. Na verdade, o que se procurou demonstrar e que o conceito de “sitio intacto” não faz sentido na maioria dos casos em que e empregado”. (ARAÚJO, 1995, p. 20)

Ao chegarmos na área do Sítio reserva Duque vimos um sítio desgastado e que sofreu bastante impacto, tanto pelo processo de antropização recente devido o crescimento urbano da cidade de Manaus, quanto por forças naturais resultantes do intemperismo, e mesmo sem querer começamos a olhar o mesmo com um olhar discriminativo onde chegamos a pensar que não iríamos poder abrir um diálogo investigativo com o mesmo, porém ao fazermos as primeiras prospecções de superfície observamos a presença de fragmentos cerâmicos no mesmo, mostrando-nos dessa forma que sim era possível extrair algo daquele sítio, mesmo aparentando ser uma área desgastada e destruída, com isso sendo quase que por um sítio sem potencial arqueológico.

Ao conhecer melhor nosso objeto de pesquisa pudemos identificar nele um potencial arqueológico, não é um sítio cheio de materiais arqueológicos bem conservados, mas não podemos discriminar a cultura material que nos foi fornecido pelo sítio, como já foi citado neste referido trabalho nós devemos nos desprender

dessa ideia de elitizar sítios arqueológicos. Se olharmos os sítios com o mesmo olhar de um para com outro nos desprenderemos da ideia de sítios elitizados, cada um tem sua função e informação, uns mais outros menos, mas ambos são sítios.

“A destruição aparente que presenciamos quase que instantaneamente rebaixa tais sítios a uma classe menor, à classe dos "sítios perturbados". Como a grande maioria dos sítios arqueológicos é encontrada nessas situações, poderíamos supor que a grande maioria está destruída. Classes inteiras de sítios arqueológicos, como por exemplo os sítios cerâmicos a céu aberto, podem por esta lógica ser considerados destruídos. cremos porém que um sítio começa efetivamente a correr risco somente a partir do momento em que o rótulo de "sítio perturbado" é aplicado a ele - mais risco do que esse mesmo sítio correu durante todos os séculos desde que foi abandonado...Uma exploração ampla do potencial dos sítios de superfície possibilita vários desdobramentos, o que mostra como depende de nós nos libertarmos do senso comum que permeia a prática arqueológica”. (ARAÚJO 2001-2002, p.9).

Destruído conota uma ideia de algo inutilizável, estragado, sem serventia, de acordo com ARAÚJO (2001-2002) É comum ouvir a afirmação de que processos atuais de "destruição" induzidos por ação humana não têm paralelo no mundo natural e, portanto, os sítios arqueológicos sujeitos a tais processos estariam irremediavelmente perdidos. Até podemos concordar se fosse um sítio que sofrera um bombardeio ou sofrera com máquinas pesadas destruindo toda e qualquer possibilidade de extraímos dele qualquer informação, esse não foi o caso da Reserva Duque I, embasados nas afirmativas de ARAÚJO (1995; 2001-2002) e nos próprios dados coletados no mesmo e presente neste referido trabalho e no projeto de campo da Laghi Engenharia LTDA não concordamos que o sítio reserva Duque I seja um sítio classificado como destruído, o mesma sofrera e ainda vem sofrendo com o impacto do crescimento demográfico e espacial da cidade de Manaus e teve sua característica perturbada, porém como foi possível o diálogo com o supracitado sítio arqueológico entendemos que não devemos classifica-lo dessa forma, pois nossa intensão não é elitizar uns sítios e discriminar outros usando do pressuposto o processo de impacto que o mesmo sofrera.

9. REFERÊNCIAS

ARAUJO, A.G.M. **Peças que descem, peças que sobem e o fim de Pompeia:** algumas observações sobre a natureza flexível do registro arqueológico. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 5: 3-25, 1995.

ARAUJO, Astolfo Gomes de Mello. **Destruído pelo arado? arqueologia de superfície e as armadilhas do senso comum.** *Revista de Arqueologia*.14-15: 07-28. 2001-2002.

BEZERRA, 2017. Programa de Resgate Arqueológico, Monitoramento Arqueológico e Educação Patrimonial, na Obra de Implantação de Pavimentação e Drenagem de Via Urbana de Interligação entre a Reserva Ducke e a Rotatória da Suframa (Bola Da Suframa), Localizado em Manaus, Amazonas.

COSTA, Marcondes Lima da. BEHLING, Hermann. SUGUIO, Kenitiro. KAEMPF, KERN, Nestor. Dirse Clara. **Paisagens Amazônicas sob a Ocupação do Homem Pré-Histórico: Uma Visão Geológica. Parte 1.**

BINFORD, L.R. **Em Busca do Passado.** Lisboa. Europa/América, pp. 28-40, 1991.

FONSECA, Osorio J. M. **Pensando a Amazônia.** Manaus: Editora Valer, 2011.

GOULART, Luana Batista Galera de Jesus. **Processos de formação arqueológicos de sítios de naufrágios: uma proposta sistemática de estudos;** 2014. 100 f.: il. Dissertação Mestrado em Arqueologia – Universidade Federal de Sergipe, 2014.

KNEIP, Lina Maria *Rodriguésia*. **A utilização de plantas pelos pescadores, coletores e caçadores pré-históricos da Restinga de Saquarema, Rio de Janeiro, Brasil.** Vol. 60, No. 1 (2009), pp. 203-210.

LIMA, Helena Pinto. História das Caretas. **A tradição borda incisa na Amazônia Central.** 2008. 538f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MACHADO, J. S. Revista de Arqueologia, 18: 9-24, 2005 **Processos de formação: hipóteses sobre a variabilidade do registro arqueológico de um montículo artificial no sítio Hatahara, Amazonas.**

MACHADO, Juliana Salles. **Revista de Antropologia vol.49 no.2.** São Paulo Julho/Dezembro. 2006.

MORAES, Bruno Marcos. CANDOTTI Fabio. SILVA Carlos Augusto da. CALHEIROS, Catarina Ribeiro. LIMA, Helena Pinto. **Zona leste de Manaus: cultura e arqueologia: mídias pedagógicas para o programa de valorização do patrimônio cultural e preservação arqueológica na zona leste de Manaus/AM.** Manaus: FUA, 2015. 42 p.

MORAES, Claide de Paula. **O determinismo agrícola na arqueologia amazônica.** Estudos avançados 29 (83), revista USP 2015.

NEVES, Eduardo Góes. **O velho e o novo na arqueologia Amazônica.** Revista USP, São Paulo, n.44, p. 86-111, dezembro/fevereiro 1999-2000.

NEVES, Eduardo Góes. **Arqueologia na Amazônia.** Rio de Janeiro; Zahar, 2006.

PROUS, André. **Arqueologia brasileira.** Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1992. ISBN 85-230-0316-9.

PROUS, André. **O Brasil antes dos Brasileiros a pré-história dos brasileiros:** editora Zahar, 2ª edição; Rio de Janeiro, 2011.

SANTOS, Tatiana de Lima Pedrosa. **Entre rios: fronteiras, populações, e cultura material do norte;** Revista História e Diversidade Vol. 8, nº 1 (2016).

SCHIFFER, M. B. [1987] 1996: **Formation Processes of the Archaeological Record,** Salt Lake City, University of Utah Press.

SILVA, Cicinato Mendes da. **A imagem do índio amazônico: a sociodiversidade indígena e os principais preconceitos ontem e hoje.** XLIV Plenária Nacional do Fórum dos Conselhos Estaduais de Educação – FNCE; Sistematização de Experiências dos Conselhos Estaduais de Educação – ISSN 2446-5933 – Edição 01/2015.

www.biochar.org/joomla/images/stories/Cap_1_Marcondes.pdf acessado em:
09/06/201 às 23:51 horas